

Construções com {[super] + [verbo]} na língua portuguesa – uma análise a partir da Linguística Funcional Centrada no Uso

Lauriê Ferreira Martins Dall’Orto

Patrícia Fabiane Amaral da Cunha Lacerda

[Sumário](#)

1 Introdução

No âmbito da Linguística Funcional Centrada no Uso, a língua é entendida como uma ação partilhada social, histórica e culturalmente. Desse modo, é no curso da interação comunicativa que falante e ouvinte negociam sentidos, a partir de necessidades semânticas, pragmáticas e discursivas, fazendo emergir novos padrões construcionais na língua. De acordo com Traugott e Dasher (2005), o falante evoca implicaturas conversacionais para a criação de uma nova construção, enquanto o ouvinte é convidado a inferi-las e a associar a inferência sugerida pelo novo padrão construcional a um esquema pré-existente na língua.

Nesse sentido, as necessidades comunicativas e cognitivas dos falantes são a motivação para a renovação do sistema linguístico. Ou seja, a gramática da língua adapta-se às necessidades dos falantes, bem como reflete toda a negociação de sentido entre os participantes de interação. A esse respeito, Rosário (2015, p. 36) afirma que “construções gramaticais emergem para suprir nossas necessidades discursivas e passam a suprir lacunas nos paradigmas gramaticais e no universo dos conceitos mais abstratos”.

É nesse contexto que, no presente artigo, temos por objetivo a descrição das construções com {[super] + [verbo]}¹, que cumprem propósitos comunicativos diversos na língua portuguesa, constituindo materializações de funções discursivas pretendidas pelos falantes no momento da interação.

1 Graficamente, as chaves configuram uma representação formal da construção como uma unidade simbólica convencionalizada. Os colchetes indicam as duas contrapartes da construção, considerando suas possibilidades de preenchimento (o primeiro *slot* só pode ser preenchido por “super” e o segundo *slot* pode ser preenchido por qualquer verbo).

Sendo assim, este artigo se organiza da seguinte maneira: (i) na seção 1, tratamos do estatuto da construção no âmbito da abordagem da Linguística Funcional Centrada no Uso; (ii) na seção 2, apresentamos os procedimentos metodológicos da pesquisa; (iii) na seção 3, realizamos uma análise dos padrões construcionais com {[super] + [verbo]} nos *corpora* investigados; e, (iv) por fim, fazemos nossas considerações finais.

2 O estatuto da construção no âmbito da Linguística

Funcional Centrada no Uso

Uma vez que construções são moldadas no, e, pelo contexto de uso, em Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU) (BYBEE, 2010; MARTELOTTA, 2011; FURTADO DA CUNHA *et al*, 2013; TRAUGOTT & TROUSDALE, 2013; BISPO & SILVA, 2016; ROSÁRIO & OLIVEIRA, 2016), a investigação linguística deve ser baseada nos usos efetivos da língua. É a partir do uso que o sistema linguístico é (re)formulado e que uma construção é integrada à gramática da língua.

A construção é unidade básica da língua (GOLDBERG, 2006), que se estabelece pela convencionalização do pareamento forma/função. Croft (2001) propõe que uma construção consiste em uma associação simbólica entre propriedades do polo da forma – fonológicas, morfológicas e sintáticas – e propriedades do polo do sentido² – semânticas, pragmática e discursivas.

2 Diferentemente de Croft (2001), mas em conformidade com Goldberg (2016), assumimos o termo “função” para nos referirmos à contraparte funcional da construção, devido ao fato de este ser mais abrangente do que o termo “sentido”.

Dessa maneira, em LFCU, considera-se que aspectos da forma e da função têm a mesma importância, assumindo a bidirecionalidade *função* < > *forma* e sugerindo interdependência e relação mútua entre as duas dimensões da construção (TRAUGOTT & TROUSDALE, 2013; ROSÁRIO & OLIVEIRA, 2016; MARTINS DALL’ORTO, 2018).

Traugott e Trousdale (2013) denominam construcionalização o processo de mudança linguística que resulta na criação e na convencionalização de uma nova construção, ou novo pareamento forma/função, bem como na sua adição à rede construcional. No que diz respeito especialmente à construcionalização gramatical, ela designa a emergência de uma nova construção mais procedural, a partir de uma sequência de pequenas mudanças (*small-steps*) em sua forma e em sua função, de maneira gradual e discreta. Em outras palavras: a construcionalização gramatical envolve uma sucessão de neoanálises morfossintáticas e semântico-pragmáticas (MARTINS DALL’ORTO, 2018).

A neoanálise é o mecanismo de mudança que decorre da negociação de sentido entre falante e ouvinte no momento da interação comunicativa e que consiste em uma nova interpretação de aspectos formais e funcionais de uma construção (TRAUGOTT & TROUSDALE, 2013). O mecanismo da neoanálise está diretamente relacionado ao processo de (inter)subjetivização.

Enquanto a subjetivização diz respeito ao processo de codificação linguística da expressão do self e do ponto de vista do falante no discurso, a intersubjetivização refere-se ao processo de codificação linguística da atenção do falante com o *self* de seu interlocutor (TRAUGOTT & DASHER, 2005). Sendo assim, em um processo de (inter)subjetivização, uma nova construção passa a indexar funções mais abstratas, pragmáticas e interpessoais (TRAUGOTT & DASHER, 2005; TRAUGOTT, 2010). Nesse contexto, Traugott (2010) propõe o seguinte *cline* de mudança linguística: [- *subjetivo*] > [+ *subjetivo*] > [+ *intersubjetivo*].

Neste estudo, portanto, dedicamo-nos à descrição das construções com {[super] + [verbo]} encontradas no *corpus* de análise, de maneira a evidenciar como propriedades funcionais moldam e são moldadas, no contexto de uso, por propriedades formais na formação de um novo padrão construcional na língua. A partir da análise das ocorrências, demonstramos assim que tais construções teriam passado por um processo de construcionalização gramatical, envolvendo um processo de crescente (inter)subjetivização, via mecanismo da neoanálise.

3 Procedimentos metodológicos

A fim de descrevermos os pareamentos forma/função das construções com {[super] + [verbo]}, adotamos neste trabalho uma perspectiva interpretativa de análise. Nesse sentido, analisamos as construções, que se convencionalizaram na língua a partir da sua frequência de uso, de maneira qualitativa. De acordo com Mason (2006), a pesquisa qualitativa nos possibilita compreender a dinâmica dos processos sociais, das mudanças e dos contextos sociais, entender os contornos situacionais e estabelecer estratégias e comparações entre processos.

Para a realização da análise, adotamos a perspectiva pancrônica. De acordo com Neves (1997, p. 118), a pancronia “acentua a interdependência entre o sistema linguístico e o uso, e entre a natureza fluida da gramática e a importância da história para a compreensão da gramática sincrônica”. Para a constituição de uma amostra pancrônica, utilizamos (i) um *corpus* sincrônico oral, constituído por entrevistas orais e gravações de fala espontânea retiradas dos *corpora* “Projeto Mineirês: a construção de um dialeto”³, “PEUL – Programa de Estudos sobre o Uso da Língua”⁴ e “NURC/RJ – Projeto da Norma Urbana Oral Culta do Rio de Janeiro”⁵; (ii) um *corpus* sincrônico escrito, composto por textos retirados de *blogs* e de revistas disponíveis na internet; e (iii) um *corpus* diacrônico, constituído por textos ficcionais e documentos notariais disponíveis nos *corpora* “CIPM – Corpus Informatizado do Português Medieval”⁶ e *Corpus Histórico do Português Tycho Brahe*⁷.

3 Disponível em: <http://www.lettras.ufmg.br/mineires/>. Acesso em: 12 jan. 2018.

4 Disponível em: <http://www.lettras.ufjf.br/peul/>. Acesso em: 13 jan. 2018.

5 Disponível em: <http://www.lettras.ufjf.br/nurc-rj/>. Acesso em: 14 jan. 2018.

6 Disponível em: <http://cipm.fsh.unl.pt/>. Acesso em: 20 jan. 2018.

7 Disponível em: <http://www.tycho.iel.unicamp.br/~tycho/corpus/>. Acesso em: 21 jan. 2018.

A constituição dos *corpora* é baseado em algumas diretrizes de Vitral (2006), tais como: (a) maior diversidade de gêneros textuais, (b) máximo distanciamento possível entre os textos no tempo e (iii) mesmo recorte de número de palavras (ou número aproximado).

4 Análise dos dados: pareamentos forma/função com {[super] + [verbo]}

Nesta seção, descrevemos as três microconstruções com {[super] + [verbo]} encontradas no *corpus* de investigação. Uma microconstrução é um tipo individual de um padrão construcional, convencionalizado na língua a partir de sua frequência de uso na comunidade linguística. Observemos as ocorrências seguintes:

(1) Diamond (gente ela é phyna demais [...]), é uma coisa de fofa e dá muita pena ver a sua mãe incentivar tão cedo a menina a supervalorizar a imagem.⁸

(2) Hoje gravei um vídeo, usando os pincéis do Sigma...Mas meu computador ficava super aquecendo e desligando... Um saco! E acabou q o vídeo não foi salvo até o fim...⁹

(3) Super gosto de comprar na Brigettes, porque além de produtos de marcas mais carinhas como M.A.C e YSL (lá são super baratos!), dá pra encontrar opções ótimas de makes de farmácia americana, sabe?¹⁰

(4) Eu uso o curvex num olho, passo uma camada de rímel curvador [...], aí eu repito os mesmos passos no outro olho e passo pro rímel de volume. O meu preferido de volume no momento é o amarelinho The Colossal Maybelline. Além de aplicar nos cílios de cima, passo ele nos de baixo, porque rímel na parte de baixo super valoriza.¹¹

(5) Se o guarda-roupa for mais calmo, mais neutro mesmo, arrasa com cardigans coloridos em lilás, vermelho, rosa, amarelo, verde, turquesa. E lembra que se a balada é em lugar fechado, super vale fazer o look pra temperatura boa, confortável (com sandálias e dedinhos de fora e tudo!), que o cardigan vai dançar assim que você se esquentar. Não vai?¹²

(6) Deixar o olho num formato mais amendoado com a ajuda do make suuuuper favorece todo mundo. Esse jeitinho de pintar orna todos os tipos de olhos. Tem olho caído? Super funciona. Olhos pequenos? Também!

8 Disponível em: <https://www.garotasesupidas.com/maisinhas/>. Acesso em: 13 fev. 2018.

9 Disponível em: <http://maisquebonitas.com/categoria/fotos-de-looks/page/36/>. Acesso em: 13 fev. 2018.

10 Disponível em: <https://www.garotasesupidas.com/necessaires-e-makes-novas/>. Acesso em: 11 jun. 2015.

11 Disponível em: <https://www.2beauty.com.br/blog/2011/10/13/cilios-enooormes-um-ensaio-sobre-a-perseveranca-humana/>. Acesso em: 11 jun. 2015.

12 Disponível em: <https://www.oficinadeestilo.com.br/>. Acesso em: 11 jun. 2015.

13 Disponível em: <https://www.2beauty.com.br/blog/2011/07/15/tutorial-olhos-amendoados/>. Acesso em: 11 jun. 2015.

Nos exemplos (1) e (2), nos enunciados “dá muita pena ver a sua mãe incentivar tão cedo a menina a supervalorizar a imagem” e “meu computador ficava super aquecendo e desligando”, “super-” funciona como um prefixo, com o encadeamento fônico entre “super-” e o verbo, com a conseqüente não autonomia de “super-” e com o valor semântico de excesso – “supervalorizar” e “super aquecendo” significam respectivamente valorizar acima do correto ou do plausível e aquecer além do limite esperado. Defendemos que essa microconstrução caracteriza-se como sendo [+ concreta] e [- subjetiva], visto que os conceitos mais concretos são perspectivizados de modo mais objetivo.

Nos exemplos (3) e (4), nos enunciados “Super gosto de comprar na Brigettes” e “rímel na parte de baixo super valoriza”, “super” atua, perante verbos que são passíveis de intensificação, como advérbio de intensidade – as construções “super gosto” e “super valoriza” poderiam ser substituídas por “gosto muito” e “valoriza bastante”¹⁴. Essa microconstrução em que “super” ganha autonomia e não está encadeado fonicamente com o verbo, caracteriza-se como sendo [+ subjetiva], uma vez que indexa uma avaliação positiva do locutor com relação às ações de “comprar na Brigettes” em (3) e de passar “rímel na parte de baixo” dos cílios em (4),

estando no meio do *continuum* [+ concreto] > [+ abstrato].

14 A intensificação consiste em um acréscimo semântico, ou reforço escalar para mais ou para menos, a um determinado conteúdo de natureza mais abstrata e de aceção normal ou já graduada (SILVA, 2014).

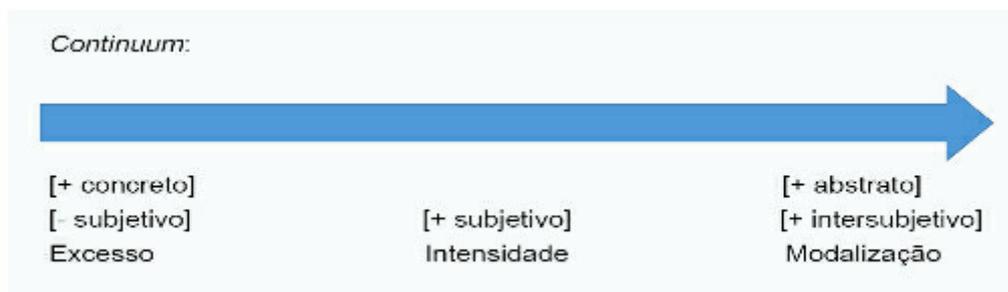
Por fim, nos exemplos (5) e (6), nos enunciados “**super** vale fazer o look pra temperatura boa” e “**Super** funciona”, “super” desempenha a função de advérbio modalizador epistêmico asseverativo diante de verbos que nos contextos apresentados não são passíveis de intensificação – embora tais verbos possam ocorrer diante de advérbios de intensidade, nos contextos descritos, eles atuam no domínio funcional da asseveração, em uma relação binária “vale/não vale”, “funciona/não funciona”, de modo que as construções poderiam ser substituídas por “realmente vale” e “de fato funciona”. Nessa microconstrução, defendemos que a intensificação de “super” transforma-se em força asseverativa, de modo a indicar o comprometimento do locutor com relação à veracidade da proposição – sendo equivalente a “com certeza”, “mesmo”, “de fato”, “realmente”.¹⁵ Tal microconstrução caracteriza-se como sendo [+ abstrata] e [+ intersubjetiva], baseada na interação entre falante e ouvinte, bem como na preocupação do locutor com o *self* de seu interlocutor. Em outras palavras, o locutor, com as construções “super vale” e “super funciona”, pretende convencer o seu interlocutor acerca do seu posicionamento sobre determinada realidade. No exemplo (5) o locutor pretende convencer o seu interlocutor de que se a balada é em lugar fechado, realmente vale a pena fazer um *look* confortável. Já no exemplo (6), o locutor pretende convencer o seu interlocutor de que fazer uma maquiagem que deixa o olho num formato mais amendoado realmente funciona para quem tem o olho caído. O objetivo do locutor é persuadir o interlocutor, de modo a fazê-lo compartilhar do seu posicionamento.

15 A modalização epistêmica asseverativa constitui uma avaliação do próprio falante acerca do valor de verdade da proposição (NEVES, 2000).

Assim como demonstramos nos exemplos explicitados neste trabalho, no que concerne às construções com {[super] + [verbo]}, Goulart (2011) e Bertagnoli (2014) também apontaram que “super-”, a partir de seu uso como prefixo, indicando excesso – como em “superfaturar” e “supervalorizar” –, teria adquirido maior autonomia sintática e expandido seu sentido para outros contextos de uso. Desse modo, neste artigo assumimos que “super” no eixo sintagmático teve seu significado expandido mediante um processo metonímico – de associação e contiguidade (excesso → intensidade → modalização) – para funções intensivas e funções modalizadoras asseverativas.

Defendemos também que o processo de expansão semântico-pragmática de “super” envolve ainda um processo crescente de abstratização, que vai do [+ concreto] ao [+ abstrato], e de crescente (inter)subjetivização, que vai do [- subjetivo] ao [+ intersubjetivo] conforme verificamos na Figura abaixo:

Figura – Expansão semântico-pragmática de {[super] + [verbo]}



Fonte: elaborada pelas autoras

5 Considerações finais

Portanto, neste estudo verificamos, com uma análise qualitativa dos dados coletados no *corpus* de investigação, três padrões microconstrucionais com {[super] + [verbo]}. Nesse sentido, com a descrição dos três pareamentos forma/função, chegamos à conclusão de que construções com {[super] + [verbo]} cumprem propósitos comunicativos diversos na língua portuguesa a depender de seu contexto específico de uso – “super” pode atuar como prefixo, como advérbio de intensidade e como advérbio modalizador epistêmico asseverativo.

Consideramos desse modo que a Construcionalização Gramatical de {[super] + [verbo]} pode ser concebida como um processo de neoanálise morfossintática e semântico-pragmática, por meio do qual as construções – que primeiramente expressariam significados [+ concretos] e [- subjetivos] – passariam, a partir da reiteração de seu padrão de uso, a indicar funções [+ abstratas], pragmáticas e interpessoais baseadas no comprometimento do locutor com relação à veracidade da proposição, em uma estratégia de convencimento de seu interlocutor.

Referências

BERTAGNOLI, D. L. *Estudo enunciativo sobre o funcionamento de “super” como forma livre e sua relação com o dizer feminino*. Dissertação – Mestrado – Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2014.

BISPO, E. B.; SILVA, J. R. Variação linguística, mudança linguística e construcionalização. In: XXI SEMINÁRIO DO GRUPO DE ESTUDOS DISCURSO & GRAMÁTICA E VIII SEMINÁRIO INTERNACIONAL DO GRUPO DE ESTUDOS DISCURSO & GRAMÁTICA. Anais. Rio de Janeiro: UFRJ, 2016.

BYBEE, J. L. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

CROFT, W. *Radical construction grammar: syntactic theory in typological perspective*. New York: Oxford University Press, 2001.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; BISPO, E. B.; SILVA, J. R. Linguística funcional centrada no uso: conceitos básicos e categorias analíticas. In: CEZÁRIO, M. M.; FURTADO DA CUNHA, M. A. (org.). *Linguística centrada no uso: uma homenagem a Mário Martelotta*. Rio de Janeiro: Mauad, 2013, p. 13-44.

GOLDBERG, A. E. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

GOLDBERG, A. E. A constructionist approach to language. In: WORKSHOP EM XXI SEMINÁRIO DO GRUPO DE ESTUDOS DISCURSO & GRAMÁTICA E VIII SEMINÁRIO INTERNACIONAL DO GRUPO DE ESTUDOS DISCURSO & GRAMÁTICA. Anais. 2016.

GOULART, P. V. S. O movimento de gramaticalização do “super” em *blogs* de revistas para adolescentes. In: *Cadernos do CNLF*, v. 15, nº 5, t. 3. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2011, p. 2507-2525.

MARTELOTTA, M. E. *Mudança linguística: uma abordagem baseada no uso*. São Paulo:

Cortez, 2011.

MARTINS DALL'ORTO. *Construções avaliativas com “super”, “mega”, “hiper” e “ultra” na língua portuguesa: uma proposta de rede construcional a partir da Linguística Funcional Centrada no Uso*. Tese – Doutorado – Universidade Federal de Juiz de Fora-MG, 2018.

MASON, J. Mixing methods in a qualitatively driven way. *Qualitative Research*. v. 6 (1) 2006, p. 9-25.

NEVES, M. H. de M. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

NEVES, M. H. de M. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

ROSÁRIO, I. da C. do. Gramática, gramaticalização, construções e integração oracional: algumas reflexões. In: OLIVEIRA, M. R. de; ROSÁRIO, I. da C. do. (org.). *Linguística Centrada no Uso: teoria e método*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015, p. 36-50.

ROSÁRIO, I. da C. do.; OLIVEIRA, M. R. de. Funcionalismo e abordagem construcional da gramática. *Alfa*, São Paulo, v.60, nº 2, 2016, p. 233-259.

SILVA, J. R. *O grau em perspectiva: uma abordagem centrada no uso*. São Paulo: Cortez, 2014.

TRAUGOTT, E. C.; (Inter)subjectivity and (inter)subjectification: a reassessment. In: DAVIDSE, K.; VANDELANOTTE, L.; CUYCKENS, H. (ed.). *Subjectification, intersubjectification and grammaticalization*. Berlin/New York: De Gruyter Mouton, 2010, p. 13-26.

TRAUGOTT, E. C.; DASHER, R. *Regularity in semantic change*. New York: Cambridge University Press, 2005.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. *Constructionalization and Constructional Changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

VITRAL, L. O papel da frequência na identificação de processos de gramaticalização. *Scripta*, Belo Horizonte, v. 9, nº 18, 2006, p. 149-177.